



Heródoto Barbeiro (*)

O que importa quebrar o banco se consegue eleger o sucessor?

Final, o banco estatal está à disposição do governo para gastar com projetos demagógicos e populistas em ano eleitoral. Alguém já disse que os fins justificam os meios, afirmação atribuída ao italiano Niccolò Machiavelli, mas o verdadeiro autor é o também italiano Ovídio, aquele do Império Romano.

Não importa a origem, o chefe do Poder Executivo põe em prática o que acha necessário para consolidar o seu poder político. A maioria dos eleitores não entende como se pode desviar um volume tão grande de dinheiro sem nenhum controle dos órgãos de fiscalização financeira. A propaganda estatal vende para a população que tudo vai bem e que os gastos são para melhorar a vida de todos, especialmente dos mais pobres.

O relacionamento do governante com os jornalistas se apoia na canção de Jefferson e Mazurega: Entre Beijos e Abraços. As entrevistas com os jornalistas nem sempre acabam com almoços ou jantares no palácio. Os mais críticos são ameaçados pelos companheiros do partido, que os acusam de estar a serviço da meia dúzia de famílias que monopolizam os grandes conglomerados de comunicação.

O Banco Central se inspira na estátua que está em frente ao Supremo Tribunal Federal, usa uma venda que o impede de intervir e decretar o fechamento do banco. Algo impossível em

um país onde o presidente do Banco Central e toda a diretoria são nomeados pelos chefes do Executivo. Exemplo mais marcante ocorre no programa Roda Vida, da tevê Cultura, em uma rodada de entrevistas com candidatos à presidência da República.

O banco é o maior banco estadual e o terceiro maior banco comercial do Brasil. Seu prédio é icônico, localizado no centro velho de São Paulo, ao lado do Banco do Brasil. O prédio do Banespa lembra – tem gente que diz que ser plágio – o United States Building. É um dos cartões postais do paulistano. Entre os 3 milhões de correntistas, apenas 61 têm dívidas impagáveis. Os tais papéis podres.

Entre muitos beneficiados estão Gurgel Motores, Cooperativa de Cotia, Vasp e Mendes Júnior. Finalmente, o Banco Central acorda e faz uma investigação no uso do Banespa pelos governadores Orestes Quêrcia e seu filhote político Luiz Antonio Fleury. Políticos, campanhas eleitorais, filhismo, paternalismo e outros “ismos” quebraram o banco. O rombo é absorvido pelo governo federal que recebe o pagamento em suaves prestações mensais.

Corrijo, quem banca é o pagador de impostos. Poucos, muito poucos, percebem que o fisiologismo e a política de eleger o sucessor a qualquer preço é bancada pelo seu bolso.

(*) - É professor e jornalista, âncora do Jornal Novabrazil, colunista do R7, do Podcast. Mestre em História pela USP e inscrito na OAB. Palestras e mídia training. Canal no Youtube (www.herodoto.com.br).

Simulador da Copa do Mundo transforma previsões em aprendizado de estatística

Desde a Copa do Mundo de 2010, o projeto Previsão Esportiva, desenvolvido por pesquisadores da USP e da Universidade Federal da Bahia (UFBA), utiliza modelos estatísticos para estimar resultados e quantificar as chances das seleções. Agora, o projeto também abre seu algoritmo de simulação ao público pela primeira vez e permite que qualquer pessoa rode sua própria Copa, altere o peso das variáveis, modifique seleções e critérios de cálculo e acompanhe, em tempo real, como as probabilidades são afetadas. “É a ciência por trás das previsões na mão de quem quiser explorar”, afirmam os coordenadores do projeto. Segundo eles, o modelo foi desenvolvido com finalidade informativa e educacional, sem qualquer vínculo com casas de apostas. Confira no site do projeto.

O Previsão Esportiva é uma iniciativa de pesquisa e divulgação científica voltada à análise probabilística do futebol. Além de USP e UFBA, reúne especialistas de outras instituições brasileiras e estrangeiras, entre elas a Universidade Federal de São Carlos (UFScar), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Universidade Federal de Mato

Grosso (UFMT) e a Neoma Business School, em torno de uma proposta simples: tratar a Copa do Mundo como um problema estatístico. A cada edição do torneio, os pesquisadores desenvolvem modelos matemáticos capazes de simular milhares de cenários para estimar as chances de cada seleção avançar de fase e conquistar o título.

No site, é possível encontrar o Previsões Copa 2026, com as probabilidades de cada seleção avançar de fase e conquistar o título, além das estimativas para os confrontos da primeira fase, segundo os modelos estatísticos do projeto; o Bolão Copa 2026, um dos simuladores de chaveamento mais completos disponíveis atualmente — quem participa do bolão contribui diretamente para as pesquisas da equipe, criando uma base de dados que alimenta os modelos bayesianos; e o Simulador interativo, a grande novidade desta edição, que traz o algoritmo aberto: é possível replicar as simulações do projeto ou criar as próprias, escolhendo variáveis, pesos e parâmetros, e acompanhar as probabilidades em cada cenário (https://www.previsaoesportiva.com.br/).

KPMG publica relatório com alucinações produzidas por inteligência artificial

A KPMG é uma das chamadas “Big Four” das áreas de consultoria e auditoria, ao lado de Deloitte, PwC e Ernst & Young.

Vivaldo José Breternitz (*)

Durante o ano fiscal que foi de outubro de 2024 a setembro de 2025, sua operação no Brasil faturou cerca de R\$ 2 bilhões, registrando um crescimento de 11,1% em relação ao ano fiscal anterior.

Recentemente veio à tona um fato que parece desmentir as afirmações da empresa no sentido de que tem expandido o uso ético de inteligência artificial. Em outubro de 2025, a KPMG publicou um relatório intitulado “Total Experience: Redefining Excellence in the Age of Agentic AI”, mostrando como empresas estariam usando inteligência artificial para atender às necessidades dos clientes.

A KPMG usou inteligência artificial para produzir o relatório, que acabou sendo publicado com muitas falsidades ou incorreções, chamadas “alucinações de IA”. Dentre essas, menções a sistemas inexistentes ou que não tinham as capacidades descritas no documento.

O jornal britânico *Financial Times* relatou que pesquisadores, usando o software GPTZero, utilizado para verificar se um texto foi escrito por humanos ou por uma IA, concluíram que apenas cinco das 45 citações constantes do relatório correspondiam a fatos. Outras 28 eram paráfrases distorcidas ou continham elementos falsos, e 12 eram tão vagas que não foi possível confirmar sua existência. Os resultados configuram o que é chamado “vibe citing”, situações em que modelos de IA criam referências falsas para dar credibilidade às suas respostas.

Além das citações incorretas, boa parte das afirmações constantes do relatório tam-



geralt_de_Pixabay_CANVA

bém eram falsas ou atribuídas de forma equivocada. Em um exemplo, a KPMG dizia que a Emirates havia lançado um chatbot chamado Sara capaz de conversar com passageiros e remarcar voos, quando na realidade, Sara era apenas um assistente móvel lançado em 2023, sem funções de remarcação de passagens.

Outro caso envolvia o banco suíço UBS, que estaria usando agentes de IA em consultoria de investimentos e monitoramento de compliance, fato que o banco negou categoricamente. A KPMG também afirmou que os roteiros de viagem dos passageiros da ferrovia suíça SBB eram otimizados por agentes de IA, informação igualmente desmentida pela empresa.

Relatórios de grandes consultorias como a KPMG costumam ser citados em pesquisas acadêmicas e artigos, por serem

considerados fontes altamente confiáveis. Quando erros desse porte acontecem, prejudicam a qualidade dos trabalhos que os utilizem como referência.

Um porta-voz da KPMG declarou ao *Financial Times* que a empresa “leva a sério a precisão e a integridade dos conteúdos que publica, tendo retirado o relatório do ar e afirmado estar “revisando as circunstâncias que levaram à sua publicação”.

Se isso acontece com uma empresa do porte da KPMG, podemos imaginar a qualidade do que vem circulando pela internet produzido por outras organizações com estrutura menor e pessoas não qualificadas...

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnitiz@gmail.com.

Uso invisível de IA já ocorre em 66% das empresas e ameaça segurança corporativa

O avanço acelerado da inteligência artificial dentro do espaço corporativo trouxe um novo desafio para as áreas de tecnologia e segurança da informação: o crescimento do chamado ‘Shadow AI’, termo utilizado para descrever o uso de ferramentas e agentes de IA por colaboradores sem homologação, monitoramento ou conhecimento do departamento de TI. Dados do estudo Value of AI, da SAP em parceria com a Oxford Economics, mostram que 66% das companhias brasileiras admitem que esse uso ocorre com alguma frequência nas empresas. O relatório ouviu 1.600 executivos de oito países, sendo 200 deles líderes brasileiros.

O movimento ganha força em um cenário de rápida digitalização das relações entre marcas e consumidores. O Brasil está entre os mercados mais avançados no uso de aplicativos de mensageria para comunicação corporativa, impulsionado pela ampla adoção do WhatsApp e pela crescente demanda por experiências automatizadas de atendimento e vendas.

Para Ammina Rachid, DPO e Gerente de Segurança da *Escale*, sales tech especializada em vendas AI-First para o mercado enterprise, o desafio do universo corporativo deixou de ser apenas implementar agentes de IA com alta performance e passou a exigir governança,

segurança e capacidade de auditoria. “Aprendemos que, para atender grandes corporações, não basta oferecer apenas performance. As organizações enterprise precisam de garantias que vão além da conformidade básica. A governança tem que ocorrer na prática: nosso diferencial é comprovar essa maturidade nas rigorosas auditorias de clientes e certificadoras. Mais do que conhecer requisitos, mergulhamos no processo de negócio para que a segurança seja um facilitador, identificar riscos com antecedência, tratando de maneira proporcional e apoiando com controles e em decisões estratégicas de forma ágil, garantindo que a IA gere valor real sem expor a companhia”, afirma a DPO.

Riscos invisíveis

Embora impulse produtividade e agilidade operacional, o uso do Shadow AI, também amplia riscos relacionados a vazamento de dados, conformidade e rastreabilidade de informações. Dados da pesquisa ‘Inovações em Cibersegurança na Gestão de Riscos e Uso de IA 2025 da Gartner, revelam que quase 60% dos funcionários usam contas pessoais para tarefas relacionadas ao trabalho com IA Generativa e 33% admitem inserir informações confidenciais em ferramentas públicas ou não aprovadas.

Segundo Ammina, o combate a esse fenômeno não passa por restringir o uso da tecnologia, mas por centralizar sua adoção em plataformas oficiais, capazes de garantir observabilidade, padronização e conformidade regulatória.

“É preciso ir além do básico, de quem espera ser consultado ou que as áreas sigam regras padronizadas. Antes de mais nada, a própria IA é uma aliada estratégica da segurança, auxiliando na otimização de processos, monitorando uso em tempo real, nos ajudando a tomar decisões de mitigação muito mais rápidas e precisas”, explica.

Ammina também acredita que para isso, é imprescindível que o time de segurança faça parte das implementações, atuando na homologação garantindo uso de ferramentas que nos permitam controlar a concessão de direitos dos dados, validando a minimização de dados e criando rotinas de monitoração e auditoria, garantindo menor risco residual para a operação. “Claro, a tecnologia não caminha sozinha e por isso é sustentada por ações contínuas de treinamento e políticas claras de responsabilização. O objetivo é garantir respostas alinhadas à voz da marca com máxima consistência operacional” encerra a DPO.



News @ TI

Ebury Bank entra na ABcripto

A Associação Brasileira de Criptoconomia (ABcripto) anuncia a entrada do Ebury Bank como nova associada. A fintech global processou mais de 1,9 milhão de pagamentos em 2025 e atende mais de 27 mil clientes em todo o mundo, consolidando-se como uma das principais plataformas de apoio a operações internacionais de empresas no mundo. A chegada da instituição reforça a presença de players globais no ecossistema brasileiro em um momento de maior estruturação regulatória e crescente integração entre o sistema financeiro tradicional e o mercado de ativos digitais. Com atuação em câmbio, pagamentos internacionais e gestão de fluxo financeiro, o Ebury traz ao setor uma infraestrutura consolidada e conectada a múltiplas jurisdições (https://br.ebury.com/).

Aplicativo que integra o Microsoft Teams à telefonia corporativa

Em um cenário em que empresas buscam consolidar seus canais de comunicação em ambientes únicos de gestão, a Dígito Tecnologia anunciou o lançamento do UNA Teams Phone, aplicativo próprio que integra o Microsoft Teams à telefonia corporativa da companhia. Com a solução, a plataforma passa a operar como mais um telefone no ambiente corporativo, permitindo a realização e o recebimento de chamadas entre ramais internos, para a rede telefônica e, em combinação com tecnologias já desenvolvidas pela Dígito, o atendimento de chamadas de voz originadas no WhatsApp, com políticas centralizadas de uso, controle e gestão da comunicação empresarial dentro do Teams (www.digito.com).

ricardosouza@netjen.com.br

 José Hamilton Mancuso (1936/2017) Responsável: Lilian Mancuso	Laurinda Machado Lobato (1941-2021)	José Leonil Lobato (1939-2026)
Editórias <i>Economia:</i> Nelson Tucci (nelson.tucci@netjen.com.br) <i>Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/ Espaço empresarial:</i> Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); <i>Livros:</i> Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br) <i>Comercial:</i> comercial@netjen.com.br <i>Publicidade Legal:</i> lilian@netjen.com.br	<i>Webmaster/TI:</i> Fabio Nader; <i>Editoração Eletrônica:</i> Ricardo Souza. <i>Revisão:</i> Maria Cecília Camargo; <i>Serviço informativo:</i> Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA. Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.	Jornal Empresas & Negócios Ltda Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080 Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br) Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90 JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003) Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.
Colaboradores: Ana Luisa Winckler, Carol Olival, Claudia Lazzarotto, Denise Debiasi, Fabiana Monteiro, Geraldo Nunes, Heródoto Barbeiro e Neiva Mendes	ISSN 2595-8410	